

Avaliação Qualis-Capes 2017-2020 e os novos desafios da produção científica em geografia no Brasil

Juheina Lacerda Ribeiro Viana Alencar

da Universidade Federal de Goiás – Goiânia – GO – Brasil

juheinalacerda@hotmail.com

Resumo: A estratificação da produção científica dos programas de pós-graduação no que tange a publicação de artigos em periódicos em geografia tem evidenciado intensas transformações, conforme apontam os relatórios preliminares da última avaliação quadrienal do Qualis-Capes (2017-2020). Diante das transformações metodológicas adotadas, com destaque para as *indexações*, que representam 65% de toda a avaliação, realizou-se uma comparação entre os critérios adotados nas avaliações quadrierais anteriores por meio das fichas de avaliação e documentos de área, como forma de verificar as transformações implementadas, bem como os novos direcionamentos que a avaliação foi implementando a cada processo. A inclusão das áreas mãe, peso relativo entre indexadores e pouca importância para o processo editorial são elementos que suscitaram o debate. Os dados apresentados e questões levantadas colocam a necessidade de aprimoramento da avaliação, mediante uma interlocução mais clara e objetiva entre as diferentes áreas do conhecimento, com vistas a estabelecer critérios suficientes para orientar o processo editorial.

Palavras-chave: Produção científica. Avaliação. Periódicos. Geografia. Qualis Periódicos.

Introdução

A recente estruturação da produção científica no Brasil, assim como os debates teóricos e metodológicos que estão no bojo da geografia moderna, promovem alterações diversas na produção e divulgação das pesquisas científicas. As diretrizes do sistema de avaliação dos periódicos científicos implementadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 1998, por meio do Sistema Qualis, geraram uma forte demanda pela publicação de artigos e ao mesmo tempo definiu a política de avaliação das diferentes áreas científicas.

Diante das mudanças realizadas pela CAPES, sobretudo no último quadriênio (2017-2020), se faz necessário discutir os critérios e a própria avaliação de modo que ela seja reconhecida e aceita pelos editores e pela comunidade científica. Se o seu objetivo é

orientar as políticas editoriais e as próprias publicações científicas, os critérios precisam ser claros e aceitos como válidos (ARRAIS; OLIVEIRA, 2012).

O objetivo deste artigo, portanto, é colocar algumas questões para o debate, a partir das novas políticas de avaliação do Qualis geografia, demonstrando como esse processo se transformou ao longo dos anos, os índices que foram sendo agregados e quais as implicações desse processo nas políticas editoriais dos periódicos da área de geografia no Brasil, nas suas mais variadas possibilidades, como em estudos urbanos, ambientais, ensino de geografia, geoprocessamento, teoria e método, dentre tantos possíveis.

Importância da produção científica em geografia

O espaço da produção científica no Brasil tem se transformado de forma expressiva nas últimas décadas. Isso decorre dos maiores investimentos governamentais¹ com o intuito de aumentar a mão de obra mais qualificada (mestres e doutores), bem como da busca para diminuir as assimetrias regionais, com a expansão dos cursos de pós-graduação para o interior do país (SANT'ANNA NETO, 2014). Para isso, a CAPES² assumiu a tarefa de ordenar a política de expansão e avaliação da produção científica acadêmica no país.

A pós-graduação brasileira se estruturou fortemente a partir do Parecer nº 977 CES/CFE, de 3 de dezembro de 1965, com a criação do primeiro curso em nível de mestrado na PUC-Rio em 1965. Desde então vem se expandindo por todo o país (Figura 1), por todas as regiões geográficas e em praticamente todas as unidades da federação, exceto nos estados do Amapá e Acre. Tal expansão tem reflexos diretos no número de publicações, limitadas em um momento histórico a cartas de viajantes e livros, e que aos poucos foram acompanhando as evoluções informacionais culminando atualmente em uma expansão vertiginosa das publicações em periódicos científicos (sobretudo em plataformas on-line), tidos hoje como os principais veículos de divulgação científica.

¹ A exemplo da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² É a instituição responsável pela expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todo o território nacional.

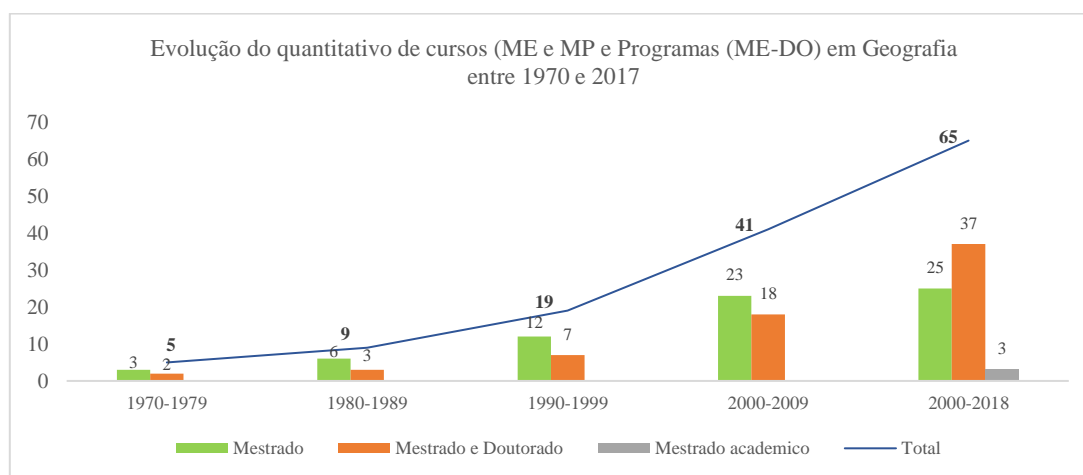


Figura 1. Evolução do quantitativo de cursos de ME e MP e Programas (ME-DO) em Geografia entre 1970 e 2017

Fonte: CAPES (2017)

Toda essa transformação nas formas em que as pesquisas científicas são divulgadas, bem como os seus próprios conteúdos, dizem muito a respeito dos fundamentos modernos da geografia (MOREIRA, 2009). A geografia enquanto saber científico passou por diversas rupturas em seu método de análise desde sua consolidação como ciência no século XIX, na Alemanha. Merecem destaque os alemães Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter, considerados os pais da ciência geográfica, ou seja, os responsáveis por articular a geografia geral e regional, promovendo a sistematização do conhecimento geográfico (MORAES, 1987).

No que diz respeito ao objeto de estudo da geografia, diferentes autores trazem a importância da categoria “espaço” nas diferentes escolas do pensamento geográfico como uma “categoria chave” (CORRÊA, 2008). O espaço também recebe centralidade epistemológica no estudo de Gomes (2010, p. 141):

O espaço e o tempo são as únicas instituições puras, a priori. Contudo, a geografia não pode ser simplesmente definida pela instituição pura do espaço. Com efeito ela busca estabelecer relações espaciais entre diversos fenômenos apreendidos através de experiências, as quais são guiadas por conceitos logicamente arranjadas no pensamento.

O desenvolvimento da geografia moderna ocorre mediante a observação via cadeias explicativas, tal como demonstrado pelo autor, ao analisar as contribuições de Humboldt, nas quais considerava os elementos variados do meio físico e a sociedade local. Claval (2014) também aborda a indissociabilidade entre a sociedade e a natureza, considerando que a leitura da paisagem deve ser desenvolvida de maneira a considerar as ações humanas. Assim como, Ribeiro (2012), ao tratar da concepção de unidade terrestre, que seria a capacidade de realizar estudos locais, porém ultrapassando os casos

particulares em busca de uma generalidade superior com formas, movimentos, extensão, posição e intercâmbios.

Nessa perspectiva, o fazer geográfico necessita demonstrar as discussões sobre a natureza de seus métodos e finalidades, com amplos debates epistemológicos, pois eles são comuns e permitem que a ciência se desenvolva e consolide seus fundamentos teóricos e metodológicos. De maneira geral, concordamos com Gomes (2009, p. 14), quando ele afirma que:

A principal vocação da epistemologia é pois, desde o início, construir um campo de discussão, de questões sobre métodos e limites de validade, sua inclinação não é normalizar nem restringir as iniciativas. Podemos de forma muito geral, dizer assim que a epistemologia é um campo crítico de discussões sobre as formas de pensamento científico. Isto quer dizer, que essas discussões epistemológicas dizem respeito antes de mais nada aos métodos, aos objetos e as finalidades de um conceito científico.

Nesse contexto de discussões epistemológicas, é importante destacar que a partir das décadas de 1950, 1960 e 1970, parte significativa dos pesquisadores tentaram promover a unificação epistemológica da geografia por meio de orientações de caráter cientificista e/ou tecnológico, com o objetivo de manter a ciência plural do ponto de vista das temáticas e abordagens, porém permeada por uma unidade epistemológica (AMORIM FILHO, 2007).

Comunicação científica e o sistema de avaliação Qualis Capes

A avaliação da produção científica surgiu após a Segunda Guerra Mundial, a partir do Relatório Bush (1945), que estruturou o sistema de pesquisa norte-americano e impactou diretamente na organização da produção científica de vários países, inclusive o Brasil (CRUZ, 2011). Sob essas bases, a pós-graduação começou a se consolidar a partir da década de 1960. Por um lado, com a criação dos primeiros programas no Brasil, que demonstravam a importância de se pensar o ensino e pesquisa de forma indissociável; por outro, com a criação da Universidade de Brasília (UnB) em 1962, considerada fundamental, segundo Ribeiro (1978), para promover a ascensão ao quarto nível de educação (pós-graduação), sem o qual a universidade não poderia cumprir sua função.

Em 1965, o Ministério da Educação (MEC), por meio do parecer número 977, conhecido como “Parecer Sucupira”, formalizou e institucionalizou a pós-graduação brasileira (MEC, 1965). Posteriormente, em 1976, o MEC instituiu o sistema de avaliação da pós-graduação, por meio do qual o planejamento dos recursos e estratégias de expansão são realizados. Neste contexto, as publicações periódicas foram ganhando

destaque na produção científica global, desde seu surgimento no século XVII, a partir da necessidade de divulgação dos resultados de pesquisas científicas (MERLO, 2012). As revistas científicas, portanto, vem sendo cada vez mais importantes na sociedade contemporânea, conforme indica Moreira (2000, p. 32), ao afirmar que,

Portadoras em geral de ensaios, cumprem elas o papel de agitar as ideias, reciclar o vocabulário, ecoar os paradigmas, pavimentar a nova fronteira, mobilizar os intelectuais para a novidades dos debates. Por meio delas, os velhos assuntos assimilam-se e se reciclam na trama das novas informações e ideias, contemporaneizando-se com elas. São as revistas as caixas de ressonância dos temas em voga e que os leva a transbordar para além das próprias fronteiras acadêmicas.

Os periódicos cumprem um importante papel no desenvolvimento científico e contribuem de forma decisiva na evolução das diferentes ciências a partir da possibilidade de publicar estudos parcelares (o estado da arte de pesquisas científicas), o que, inicialmente, foi determinante para o desenvolvimento de um “Método Científico” (ZIMAN, 1979). Esse processo se intensificou com o surgimento e a evolução dos computadores e da internet, permitindo que novos periódicos científicos fossem criados e o número de publicações ampliado. Se, por um lado, esse aumento pode contribuir para o desenvolvimento das ciências, por outro, gera a necessidade de classificação dos periódicos a partir da qualidade dos conteúdos publicados.

Os primeiros exercícios de mensuração bibliográfica estatística surgiram em 1917, conforme apresenta Mugnaini (2014), ao tratar dos 40 anos da avaliação da produção científica nacional por meio de critérios bibliométricos. Para ele, dentro desse percurso histórico, pesquisadores buscaram refinar seus critérios, desde métodos de análise do crescimento da literatura acadêmica até critérios mais avançados que possam demonstrar o impacto da produção científica de autores, o número de citações de periódicos e a lei de dispersão das publicações de artigos em periódicos.

Merecem destaque internacionalmente no âmbito da geração do Fator de Impacto (FI)³, a criação do Science Citation Index (SCI), em 1964, por Eugene Garfield, fundador do Institute for Scientific Information (ISI), reconhecido mundialmente como Thomson Scientific (do grupo Thomson Reuters), e o Journal Citation Reports (JCR) criado em 1975 pelo mesmo grupo. O JCR é utilizado atualmente pela CAPES, no portal de periódicos, para avaliação dos periódicos indexados na Web of Science (WoS).⁴

³ O FI é um indicador de avaliação de revistas científicas obtido a partir dos dados da base bibliográfica Web of Science. Na prática, para 2019, por exemplo, é a divisão entre o número de citações obtidas entre 2017 e 2018 pelo número de artigos publicados em 2017 e 2018.

⁴ Base de dados de indexação de citações sem acesso livre para consulta.

No Brasil, do ponto de vista da disseminação e avaliação das publicações periódicas, merecem destaque: a CAPES, que em 1998⁵ criou o sistema eletrônico de avaliação realizado de forma trienal com livre acesso aos dados; e o Sistema Eletrônico para Editoração de Revistas (SEER), conhecido também como Open Journal Systems (OJS), o qual é utilizado pelos principais periódicos no país para publicar os conteúdos em formato digital. Além de importantes indexadores, como a Scientific Electronic Library Online (SciELO). Criada em 1997, essa biblioteca digital é destinada aos países emergentes e em desenvolvimento, e busca aumentar a acessibilidade, a qualidade e o impacto dos periódicos que publicam em um sistema de livre acesso (SciELO, 2019). Atualmente, a SciELO é vista como o indexador de maior impacto nas publicações nacionais, ao lado de outros como o Redalyc e a Scopus, que são as principais referências na geração do fator de impacto de periódicos e publicações.

O sistema Qualis Capes e a avaliação dos periódicos

A avaliação dos periódicos pela CAPES teve sua primeira versão em 1998. Nessa época, as revistas científicas eram classificadas por área e divididas em três níveis, a saber: A – revistas de abrangência internacional; B – periódicos nacionais; C – periódicos com abrangência local. Os principais critérios analisados eram periodicidade, corpo editorial e gestão editorial (avaliação por pares, normalização, indexação e circulação). A primeira versão do Qualis foi mantida até 2006, quando foi substituída por um novo modelo de avaliação. No quadriênio 2007/2009, a estratificação passou a considerar dentro das áreas do conhecimento sete estratos, sendo eles: A1 = 100 pontos; A2 = 85 pontos; B1 = 70 pontos; B2 = 55 pontos; B3 = 40 pontos; B4 = 25 pontos; B5 = 10 pontos; e C = 0 pontos. A partir dessa avaliação, as diferentes áreas do conhecimento começaram a ser estimuladas a indexarem suas revistas científicas em bases de dados como o ISI, o JCR e SciELO, ou seja, a metodologia apoiou-se em índices matemáticos genéricos, suscitando diversas críticas, uma vez que, os melhores periódicos passaram a ocupar estratos mais baixos como apontam ARRAIS, 2009; ESCOBAR, 2009 e SILVA, 2009. O consenso entre os autores estava na constatação de que a nova política de avaliação da CAPES estava colocando o futuro dos periódicos nacionais em jogo. Escobar (2009, *on-line*) diante da avaliação afirma que,

⁵ Qualis Capes: É um conjunto de procedimentos comuns gerenciados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação brasileiros. Para fins deste artigo, consideramos apenas a avaliação dos periódicos científicos.

FATOR DE DISCÓRDIA A principal crítica dos pesquisadores sobre o novo Qualis diz respeito ao uso do Fator de Impacto (FI) como critério único do ranking. O FI é uma “nota” calculada pela Thomson Reuters que indica a frequência com que os trabalhos em determinada revista são citados na literatura científica. Quanto maior a nota, maior a importância do trabalho e da revista. O problema é que o FI não mede a qualidade de um trabalho – apenas a sua repercussão.

Apesar das intensas críticas divulgadas pelos editores de periódicos de diferentes áreas do conhecimento, inclusive a geografia, a avaliação no quadriênio seguinte (2010-2012) e próximos quadriênios foi pouco alterada, com oito estratos (A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C), porém com diversas mudanças nos critérios, até 2016.

Quando analisamos os critérios adotados pela Capes no quadriênio 2007/2009 (figura 1), notamos a relevância da *circulação* dos periódicos, representando 25% da avaliação total (100 pontos). É importante pontuar que as indexações (ISI, SciELO, Scopus, ou citação em outras bases de dados) estavam contempladas na avaliação no item *circulação*, correspondendo a 3% do total. O item *autoria e conteúdo* tinha grande destaque, principalmente ao induzir a publicação de mais de 50% de artigos de autores externos às instituições que editavam as publicações, deste total, era recomendado que 30% dos autores fossem filiados a instituições estrangeiras. O item *gestão editorial* (25% da avaliação do total da área) indicava a importância da dispersão geográfica do conselho editorial e científico como elemento decisivo para que os periódicos pudessem ter maior alcance geográfico.

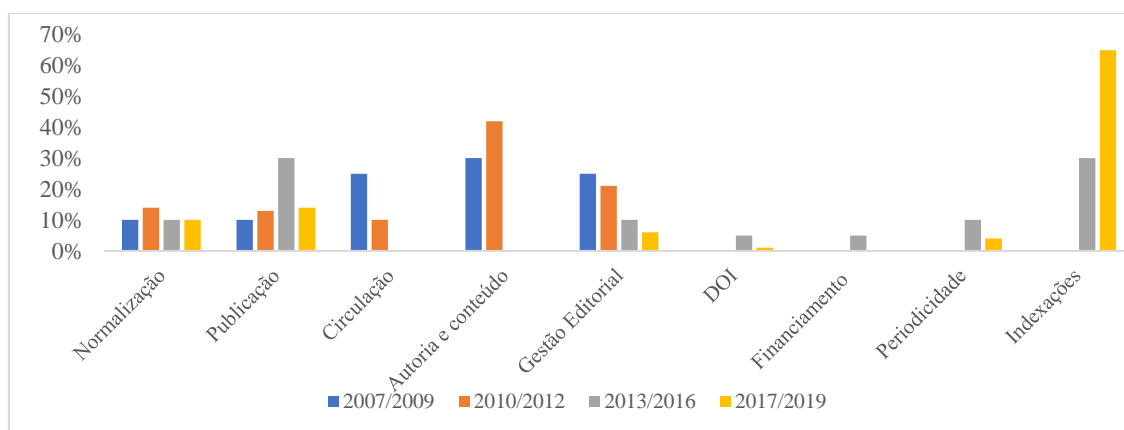


Figura 1. Classificação Qualis-Capes entre 2007 e 2019⁶

Fonte: Capes. Documentos da área de geografia 2007-2018.

⁶ Os resultados preliminares foram divulgados e as metodologias novas de avaliação que valem para o quadriênio 2017-2020.

No quadriênio 2010-2012, a avaliação ampliou alguns elementos, e autoria e conteúdo ganharam maior destaque, correspondendo a 42% da avaliação total (100 pontos). O ideal era ter acima de 30% de artigos filiados a instituições financeiras e 75% de artigos externos à instituição de publicação. A gestão editorial cai para 21% da avaliação, novamente com destaque para a abrangência geográfica dos conselhos. O item financiamento fica incluso nesse critério, correspondendo a 3% da avaliação total.

No quadriênio 2013-2016, alguns itens, até então apresentados em outros critérios, são desmembrados, como o DOI (5% do total), o financiamento (5% do total) e as indexações (30% do total). O item *autoria e conteúdo*, considerado no quadriênio anterior como o mais importante, foi incorporado ao item *publicação*, correspondendo a 30% do total. Cabe lembrar que o maior peso conferido às *indexações* está vinculado às novas tendências internacionais centradas na expansão dos indexadores. Já os itens, *Gestão Editorial, Normalização e Periodicidade* corresponderam, cada um a 10% do total.

A partir do quadriênio 2017-2020, os critérios foram alterados de forma significativa. O *processo editorial* passa a ser praticamente desconsiderado na avaliação. Conforme podemos observar na figura 2, demasiada importância é conferida às *indexações*. Considerando os 100% da avaliação, 65% destinou-se às *indexações*, incluindo bases de dados com pequeno fator de impacto. Além disso, outros critérios tornam-se válidos, como a presença de áreas-mães, em que as revistas de outras áreas tiveram sua análise incorporada pela área da geografia, o que torna o qualis único. Além disso, os estratos sofreram grandes modificações, a saber: A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4, C.

Podemos observar a partir desses dados que a comunidade científica brasileira tem buscado estabelecer critérios de avaliação da produção condizentes com cada área do conhecimento, porém se depara com impasses como o fato de existirem distintos parâmetros metodológicos adotados pelos indexadores e bases de dados internacionais, que tornam-se cada vez mais utilizados, e verdadeiras empresas de negócios passam a dominar as métricas internacionais. Então como proceder diante dessas questões de modo a realizar uma avaliação que realmente identifique as pesquisas de excelência no âmbito nacional? A nova avaliação é um reflexo da eficácia dos critérios ou da imposição política da avaliação? Como consolidar as políticas editoriais diante das atuais transformações?

Estes e outros questionamentos apontam para a importância de uma maior comunicação entre os editores dos periódicos, criação de grupos de trabalho e interlocução junto aos programas de pós-graduação, uma vez que, a partir inserção das

revistas científicas em “áreas-mãe é fundamental estabelecer um critério de permeabilidade nas áreas, e essa interlocução entre as áreas não consta na ficha de avaliação.

Análise preliminar do Qualis-Capes geografia (2017-2020)

Diante da importância da produção científica em Geografia no Brasil, os periódicos ganham cada vez mais espaço na comunidade acadêmica e permitem que o estado da arte das ciências, estudos teóricos, ensaios, entre tantos outros tipos de trabalhos, sejam disponibilizados à comunidade científica. Considerando as transformações no sistema de avaliação do último quadriênio (2017-2020), analisaremos os critérios adotados, bem como três periódicos a partir das linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), sendo eles: 1) Análise Ambiental e Tratamento da Informação Geográfica – *Revista Brasileira de Geografia Física, Revista Brasileira de Climatologia, Revista Brasileira de Geomorfologia*; 2) Ensino e Aprendizagem de Geografia – *Revista Brasileira de Educação Geográfica, Revista Ensino e Pesquisa, Geosaberes*; 3) Dinâmica Socioespacial – *Espaço em Revista, Espaço em Geografia, Sociedade e Território*. A tabela 1 traz algumas informações para que possamos analisar os periódicos do ponto de vista de suas políticas editoriais e fatores de impacto.

INFORMAÇÕES DOS PERIÓDICOS EM GEOGRAFIA SELECIONADOS																
ISSN	TÍTULO	Primeira Publicação	Estrato		Coleta de dados											
			2013-2016	2017-2020	Periodicidade				Regularidade		Total de artigos último número	Autores por artigo (último número)	Índice		Vinculo com pós graduação	
					S	Q	T	FC	S	N			H	H5		
1984-2295	R.B Geo Física	2008	B1	A3	X					X		24	3,16	3	2	Não
1980-055X	R.B Climatologia	2005	B1	A3		X				X		3	4,3	16	8	Não
2236-5664	R.B geomorfologia	2000	A2	A1		X				X		12	2,86	26	10	Não
2236-3904	R.B Educação em Geog	2011	B2	A2	X					X		21	1,85	7	5	Não
0103-1538	Geo Ensino e Pesquisa	1987	B2	A3	X					X		4	2,25	5	1	Não
2178-0463	Geosaberes	2010	B2	A1				X	X			17	1,88	7	5	Sim
2177-8396	Sociedade e Território	Não informa	B2	B1	X					X		8	1,25	28	7	Não
1519-7816	Espaço em Revista	1998	B4	B1	X					X		8	2,5	5	1	Sim
1516-9375	Espaço e Geografia	1997	B1	B3	X					X		2	2,5	15	4	Sim

Tabela 1. Informações dos periódicos científicos selecionados – 2019

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da Plataformas dos periódicos/ Publish or Perish (2019).

Conforme está descrito na nova metodologia de avaliação do qualis-periódicos, a maior parte da avaliação ficou direcionada às indexações e fatores de impacto. A respeito dos últimos, dois índices vêm sendo utilizados para analisar o impacto dos periódicos, artigos e autores, são eles: o índice H dos periódicos, que relaciona o total de citações

dos artigos desde o primeiro número da revista até o último ano completo de publicação; e o índice H-5, que considera os últimos cinco últimos anos de publicação, ou seja, para efeitos de análise, consideramos o intervalo entre 2014 e 2018.

Alguns dados trazem questionamentos, a exemplo do periódico *Sociedade e Território*, que não publica o número mínimo de artigos exigidos anualmente, não adotou o fluxo contínuo (dentro dos novos parâmetros adotados pela Capes), não tem publicações regulares e está reclassificada de B-2 para B-1 na avaliação preliminar divulgada. O que justifica esse resultado?⁷ Esta é uma questão importante para o debate, conforme pode ser visto no quadro 1. Dos 100 pontos (100%) considerados na avaliação, 65 (65%) estão destinados às indexações. Tal peso reposicionou periódicos que não tem uma gestão editorial consolidada por um lado, mas que se indexaram em bases de dados pouco relevantes (do ponto de vista do impacto das publicações) próximas a periódicos extremamente relevantes em âmbito nacional e internacional.

Em âmbito nacional dois indexadores de acesso livre merecem destaque na geografia, são eles: Redalyc e SciELO. Devido aos critérios de entrada e permanência por áreas, apenas a Revista Mercator possui o indexador Scielo. Quando consideramos o Redalyc, cinco periódicos possuem, são eles: *Mercator*, *Geosaberes*, *Boletim Goiano de Geografia*, *Caderno de Geografia*, *Sociedade e Natureza*.

V - INDEXAÇÕES			
ErihPlus	1	Jstor	3
Clase/Periódica	2	Ameli CA	5
Google Metrics	2	DOAJ	5
Diadorim	1	SCIE, SSCI e AHCI/Web of Science	7
Dialnet	3	SCOPUS	7
Latindex	3	RedALyC	9
REDIB	3	Scielo	10
ESCI/Web of Science	4	TOTAL	65

Quadro 1. Peso das indexações da ficha de avaliação do Qualis CAPES (2017-2020)

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados coletados em Capes (2019).

⁷ Para efeitos de análise, trazemos esse exemplo como um “padrão”, pois foram tabulados e analisados 58 periódicos em Geografia e ele se repete em outros periódicos. Não trouxemos todos os dados porque necessitaríamos de um maior número de páginas para apresentá-los e discuti-los.

Quando analisamos o quadro 1 observamos que dos 65 pontos, apenas 19 são concentrados nesses dois indexadores, o que nos coloca outros elementos para a discussão, como por que a diferença de pontuação percentual é tão baixa entre esses importantes indexadores e as demais bases de dados? Por que foi conferida demasiada importância aos indexadores? Como proceder diante de empresas que internacionalmente estão controlando o fator de impacto das publicações, com estratégias extremamente eficientes? Ou seja, alguns desses elementos justificam que periódicos tenham melhor performance nos resultados preliminares divulgados, apesar de apresentarem problemas vista editorial (a exemplo da periodicidade), estão indexadas em diversos diretórios considerados na avaliação, o que aumenta sua pontuação geral, enquanto outros periódicos ativos em importantes indexadores e que apresentam uma gestão editorial consistente acabam sendo prejudicados.

Além disso, podemos colocar outros elementos para o debate. Considerando o total de artigos publicados em geografia, são recomendados 30 artigos anuais. Apesar disso existem periódicos que publicam um número superior a 100 artigos anuais, a exemplo das *Revista Brasileira de Geografia Física*, que publicou 137 artigos, e *Revista Brasileira de Climatologia*, que publicou 106 artigos, em 2018, inserindo outros elementos para o debate. Revistas que publicam muito, o fazem por que recusam poucos artigos ou por que recebem muitos textos de qualidade? Até que ponto, altos índices ou baixos índices de publicação interferem na consolidação das políticas editoriais?

Diante das discussões realizadas, faz-se necessário retomar os questionamentos realizados por Arrais (2009, p. 1):

- 1) Aceitar que vivemos em um momento marcado pela produtividade, índices, fator H, o que não significa acreditar que esse momento seja imutável, pois o debate acadêmico e a ação política têm eficácia histórica comprovada.
- 2) Aceitar que devemos nos submeter ao sistema de avaliação dos pares, desde que estes estejam, de igual forma, descobertos do manto protetor do sistema, o que significa que podemos avaliar os avaliadores.

Portanto, como o autor já coloca, apesar dos critérios apresentados, e da necessidade de classificação da produção acadêmica, bem como dos periódicos científicos, debates devem ser realizados para que esse importante mecanismo de avaliação seja aprimorado, desse modo, pesquisas de alta qualidade não serão desvalorizadas diante de critérios que oscilam tanto.

Considerações finais

A análise proposta buscou colocar alguns elementos relacionados à política de avaliação dos periódicos em geografia a partir das fichas de avaliação e metodologia divulgadas pela Capes para o quadriênio (2017-2020). Os dados apresentados e questões levantadas colocam a necessidade de aprimoramento da avaliação, mediante uma interlocução mais clara e objetiva entre as diferentes áreas com vistas a estabelecer critérios suficientes para orientar o processo editorial. Dentre os avanços e limites algumas considerações, merecem destaque:

a) A consolidação das áreas-mãe em que o periódico é avaliado em sua área e o qualis único é um avanço importante no sentido de padronização da avaliação;

b) A importância do fator de impacto das publicações e seus vínculos com empresas internacionais especializadas em áreas estratégicas de comunicação pode ser um problema quando comparamos a publicação de países com grau de desenvolvimento distintos;

c) Vincular 65% da avaliação às indexações e direcionar notas relativas tão baixas para os dois principais indexadores utilizados no Brasil de livre acesso (SciELO e Redalyc) parece um grave erro;

d) A partir dos dados apresentados sobre alguns periódicos e do extremo destaque para os repositórios de dados (dentro dos 65% mencionados), a relevância da política editorial em geografia pode ser gravemente prejudicada.

Enfim, são muitos desafios que se colocam nesse momento considerando a avaliação dos periódicos. Se atualmente esses são os principais mecanismos que divulgam a pesquisa em geografia, contribuindo de forma significativa para a consolidação da ciência dentro das suas várias possibilidades de ação, nada mais justo que pensar em mecanismos eficientes para que as publicações de excelência sejam valorizadas e cumpram sua função no desenvolvimento da ciência geográfica para além de índices bibliométricos vinculados à estratégias de mercado.

Qualis/Capes evaluation 2017-2020 and the new challenges of scientific production In geography in Brazil

Abstract: The stratification of the scientific production of postgraduate programs regarding the publication of articles in periodicals in Geography has shown intense transformations, according to previous the preliminary reports of the last four-years assessment of Qualis-Capes (2017-2020). In the face of the methodological transformations adopted, especially the indexations which represent 65% of the entire evaluation, a comparison was made between the criteria adopted in the previous quadrennial evaluations through the evaluation forms and area documents as a way of verifying the transformations implemented, as well as the new directions that the evaluation was implemented in each process. The inclusion of the mother areas, relative

weight among indexers and little importance for the editorial process are elements that raised the debate. The data and questions raised to raise the necessity to improve the evaluation, through a clearer and more objective dialogue between the different areas of knowledge to establish sufficient criteria to guide the editorial process.

Keywords: Scientific production. Evaluation. Periodicals. Geography. Qualis Periodicals.

Evaluación Qualis-Capes 2017-2020 y los nuevos desafíos de la producción científica en geografía en Brasil

Resumen: La estratificación de la producción científica de los programas de posgrado con respecto a la publicación de artículos en revistas de geografía ha mostrado intensas transformaciones, como lo indican los informes preliminares de la última evaluación de cada cuatro años de Qualis-Capes (2017-2020). Ante las transformaciones metodológicas adoptadas, con énfasis en las indexaciones, que representan el 65% de toda la evaluación, se realizó una comparación entre criterios adoptados en las evaluaciones de cuatro años anteriores a través de las fichas de evaluación y documentos de área, como una forma de verificar las transformaciones implementadas, así como las nuevas direcciones que la evaluación fue implementando en cada proceso. La inclusión de áreas madre, peso relativo entre los indexadores y poca importancia para el proceso editorial son elementos que provocaron el debate. Los datos presentados y las preguntas planteadas indican la necesidad de mejorar la evaluación, a través de un diálogo más claro y objetivo. Entre las diferentes áreas de conocimiento, con vistas de establecer criterios suficientes para orientar el proceso editorial.

Palabras clave: Producción científica. Evaluación. Revistas. Geografía. Revistas Qualis.

Referências

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Da percepção & cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

ARRAIS, Tadeu Alencar. OLIVEIRA, Ivanilton José de. Uma reflexão metodológica sobre a avaliação de periódicos na área de Geografia. **Revista da ANPEGE**, v. 8, n. 9, p. 3-14, jan./jul. 2012.

ARRAIS, Tadeu Alencar. Editorial crítico ou o enigma do Qualis. **Boletim Goiano De Geografia**, v. 28, n. 2, p. 1-4, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CFE no 977/65, aprovado em 3 dez. 1965. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n30/a14n30.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BUSH, Vannevar. As We May Think. **The Atlantic Monthly**, 176.1, 1945.

CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Informações sobre investimentos**. 2019. Disponível em: <<http://cnpq.br/>>. Acesso em: 14 de jun. 2019.

CAPES. Coordenação De Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Implementação do sistema Qualis. 1998**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Infocapes10_2_2002.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

_____. **Qualis periódicos: reestruturação do sistema e classificação dos periódicos em 2008.** Instrução/DAV n. 05/2008, 6 de maio, 2008.

_____. **Documento de área 2007-2009.** Disponível em: <<http://www.qualis.capes.gov.br>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

_____. **Documento de área 2010-2012.** Disponível em: <<http://www.qualis.capes.gov.br>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

_____. **Documento de área 2013-2016.** Disponível em: <<http://www.qualis.capes.gov.br>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

_____. **Documento de área 2017-2020.** Disponível em: <<http://www.qualis.capes.gov.br>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da geografia.** Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. 2.ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 15-47.

CRUZ, Carlos Henrique Brito. Vannevar Bush: uma apresentação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 11-13, 2011.

ESCOBAR, Herton. Ranking coloca revistas científicas brasileiras em “risco de extinção”. **O Estado de São Paulo**, 06 jul. 2009. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/geral,ranking-coloca-revistas-cientificas-brasileiras-em-risco-de-extincao,398294>>. Acesso em: 15 de jul. 2019.

FINEP. Financiadora de Estudos e Projetos. **Informações sobre agências de fomento.** 2019. Disponível em: <<http://www.finep.gov.br/>>. Acesso em: 20 de jul. 2019.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, F. et al. **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico.** Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (Ademadan), 2009. p. 13-33.

HARZING, A-W. **Definição de fator de impacto de publicações. 2002.** Disponível em: <<https://harzing.com/resources/publish-or-perish/windows>>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

ISI. Institute for Scientific Information. **Informações sobre indicadores de impacto.** Disponível em: <<https://isindexing.com/isi/>>. Acesso em: 18 de jul. 2018.

JCR. Journal Citation. **Informações sobre indicadores de impacto.** Disponível em: <[Reportshttps://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pnews&component=NewsShow&view=pnewsnewsshow&cid=630&mn=0](https://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pnews&component=NewsShow&view=pnewsnewsshow&cid=630&mn=0)>. Acesso em: 18 de jul. 2018.

MERLO, Ivanésio. Das origens das revistas científicas ao Jornal Vascular Brasileiro. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 11, n. 2, p. 93-94, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jvb/v11n2/v11n2a02.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019

MOREIRA, Ruy. Assim se passaram dez anos (A Renovação da Geografia no Brasil no Período 1978-1988). **GEOgraphia**. Ano II, n. 3, Niterói, p. 1-23, 2000. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/viewFile/28/26>>. Acesso em: 12 de jul. 2019.

_____. Da espacialidade ao espaço real: o problema da teoria geral a propósito do simples e do complexo em geografia. In: MENDONÇA, Francisco; LOWEN-SAHR, Cicillian; SILVA, Márcia da. **Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Ademadan, 2009. p. 121-134.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 20. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MUGNAINI, Rogério. **In book: Bibliometria e cientometria; reflexões teóricas e interfaces**, Chapter: 40 anos de Bibliometria no Brasil: da bibliografia estatística à avaliação da produção científica nacional. Publisher: Pedro e João Editores, 2014. p. 37-58.

REUTERS, Thomsom. **Informações sobre total de publicações e impacto**. Canadá, 2016. Disponível em: <<https://www.thomsonreuters.com.br/pt.html>>. Acesso em: 25 de jul. 2018

REDALYC. Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal. **Informações sobre publicações científicas**. Brasil, 2019. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/home.oa>>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. São Paulo: Avenir, 1978.

SANT'ANNA NETO, João Lima. Balanço e perspectivas da pós-graduação em geografia no Brasil – considerações sobre a avaliação trienal de 2010/2012. **Revista da Anpege**, v. 10, n. 14, p. 7-25, 2014.

SEER. Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas. **Informações sobre publicações por área do conhecimento**. 2018. Disponível em: <<http://www.ibict.br/pesquisa-desenvolvimento-tecnologico-e-inovacao/sistema-eletronico-de-editoracao-de-revistas-seer>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

SCIELO. Scientific Electronic Library Online. **Informações sobre publicações científicas**. Brasil, 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.org/php/index.php>>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

SILVA, Mauricio Rocha e. Carta Aberta ao Presidente da Capes: o novo Qualis, que não tem nada a ver com ciência do Brasil. **Pró-Fono R. Atual, Cient.** v. 21, n. 4, p. 275-278, 2009.

ZIMAN, John. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1979.

Sobre a autora

Juheina Lacerda Ribeiro Viana Alencar – Mestre e doutoranda em geografia pela Universidade Federal de Goiás.

Recebido para avaliação em janeiro de 2019
Aceito para publicação em julho de 2019